

Meninas, meninos e suas políticas - ideias e práticas midiáticas da Fundação Casa Grande

Alexandre Barbalho*

Resumo

Este artigo discute a atuação da organização não-governamental Fundação Casa Grande no campo da produção cultural e midiática a partir de seus projetos desenvolvidos com as crianças e os jovens da cidade de Nova Olinda, interior do Ceará. A proposta é observar estas práticas por meio dos conceitos de minoria e política de amizade, objetivando entender como elas se configuram como política cultural. A pesquisa em curso procura compreender como os jovens observam e produzem a realidade por meio de suas práticas midiáticas e, como conclusão provisória, o presente artigo aponta a distinção entre o instituído, representado pela instituição do terceiro setor, e a criação de linhas de fuga por parte dos jovens que não se deixam modelar, mesmo com todas as normas e disciplinas.

Palavras-chave: Juventude. Cultura. Mídia. Minoria. Política de Amizade

Girls, boys and their policies – Ideas and media practices of the “Fundação Casa Grande”

Abstract

This article discusses the acting of the non-government organization “Fundação Casa Grande” in the field of the cultural production and media from his projects developed with the children and the young persons of the city of Nova Olinda, Ceará. The proposal is to watch these practices through the concepts of minority and politics of friendship aiming to understand how they are configured as cul-

* Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia e professor dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará e de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, onde desenvolve pesquisas sobre minorias e suas políticas de cultura e de Comunicação. Autor de livros e co-organizador, entre outros, de *Comunicação e cultura das minorias* (Paulus, 2005) e *Políticas culturais no Brasil* (UFBA, 2007). Ex-coordenador do GP “Comunicação para a Cidadania” da Intercom. E-mail: alexandrebarbalho@hotmail.com

tural policy. Ongoing research seeks to understand how young people watch and produce the reality through their practices and media, as provisional conclusion, this article points out the distinction between the established, represented by the third sector institution, and the creation of lines of escape by young people who do not fall model, even with all the rules and disciplines.

Keywords: Youth. Culture. Media. Minority. Politics of Friendship

Las niñas, los niños y sus políticas - Ideas y prácticas mediáticas de la “Fundação Casa Grande”

Resumen

Este artículo habla de la actuación de la organización no gubernamental “Fundação Casa Grande” en el campo de la producción cultural y mediática a través de sus proyectos desarrollados con los niños y las personas jóvenes de la ciudad de Nova Olinda, Ceará. El objetivo es mirar estas prácticas por medio de los conceptos de minoría y política de la amistad, con el objetivo de entender cómo se configuran como política cultural. La investigación en curso trata de comprender cómo los jóvenes producen la realidad a través de sus prácticas y medios de comunicación, como conclusión provisional, este artículo apunta la distinción entre lo establecido, representada por la institución del tercer sector, y la creación de líneas de fuga de los jóvenes que no entran en el modelo, incluso con todas las normas y disciplinas.

Palabras clave: Juventud. Cultura. Media. Minoría. Política de Amistad

Introdução

A Fundação Casa Grande é uma instituição não governamental criada em 1992, na cidade de Nova Olinda, região do Cariri cearense¹. Lá são desenvolvidas diversas atividades de formação, produção, circulação e fruição cultural tendo como sujeitos e públicos primordiais as meninas e os meninos habitantes desta pequena cidade interiorana.

A proposta deste artigo, que resulta de uma pesquisa em execução que procura compreender como os jovens observam e produzem a realidade por meio de suas práticas midiáticas², é analisar as ações implementadas na Fundação compreendendo-as

¹ Nova Olinda possui cerca de 13 mil habitantes, economia basicamente primária, com 41 escolas (pré-escolar, fundamental e médio) e um IDH de 0,637.

² A pesquisa denomina-se “Minorias, cidadania e mídia. Políticas culturais juvenis no espaço público contemporâneo”. A esse respeito ver BARBALHO 2006; 2007a; 2007b.

como táticas de outra política, ou mais especificamente, de uma política cultural. Ou seja, diante da incapacidade da política institucional (partidária, sindical, governamental etc.) em trabalhar com os jovens como sujeitos, estes tomam para si a iniciativa de criar outras relações políticas que contemplem suas visões de mundo a partir de produtos culturais.

Como situa Rossana Reguillo, o fato dos jovens, nos dias atuais, não se deixarem envolver pela política partidária ou institucionalizada, ou não serem portadores de macro-projetos, “pode ocultar os novos sentidos do político que configuram redes de comunicação de onde se processa e se difunde o mundo social” (REGUILLO, 2006, p.138 – tradução nossa).

Os lugares e os agentes da política institucionalizada não conseguem produzir bandeiras que interpelem os jovens, uma vez que, para estes, a experiência do político passa por outras linhas de fuga, que também são linhas de força: “o desejo, a emotividade, a experiência de um tempo circular, o privilégio dos significantes sobre os significados, as práticas arraigadas no âmbito local que se alimentam incessantemente de elementos da cultura globalizada” (REGUILLO, 2006, p. 139 – tradução nossa).

Um dos pressupostos conceituais deste artigo é o entendimento da juventude como minoria. Muniz Sodré (2005) observa que uma das características das minorias é a sua luta contra-hegemônica: uma minoria está sempre em busca de ser ouvida pela maioria. Aliás, é o fato de não ter voz o que qualifica um grupo de minoritário, não o seu tamanho, a sua quantidade.

O próprio termo “minoria” remete àquele que não atingiu a maioria, não entrou no mundo adulto. Sodré ressalta que Kant identifica *Mündigkeit* (maioridade) como “possibilidade de falar” e *Unmündigkeit* (menoridade) como a “impossibilidade de falar”, portanto “menor” é aquele que não tem direito à plenitude de sua fala.

Nos passos de Félix Guattari (1999), podemos entender minoria a partir do conceito de devir minoritário. Um devir é a possibilidade de um processo se singularizar diante das estratificações dominantes de uma sociedade; é a capacidade de subjetivação de uma minoria que escapa à individualização em série do capital. A

questão das minorias, por essa via de análise, é a da multiplicidade, da pluralidade; a de constituição enquanto movimentos processuais e transversais aos estratos sociais.

Por exemplo, compreender os jovens como potências minoritárias é entender que o seu devir apresenta-se como uma linha de fuga em uma sociedade modelada pelos valores daquilo que se estabelece como “adulto”, “maduro” – em especial se esse devir se comunga com outros como o negro, o feminino, o homossexual, além de questões de classe.

Para Foucault, por sua vez, os movimentos minoritários funcionam como posicionamentos de “saberes sujeitados”, “saberes menores”, “saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretende filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro [...]” (FOUCAULT, 1999, p.13).

As minorias instauram diversos discursos histórico-políticos que entendem a política como luta, como guerra, contrários ao discurso filosófico-jurídico que procura pacificar os conflitos – como, por exemplo, o discurso dialético (do tipo idealista-hegeliano ou do tipo materialista-marxista) que, ao final do embate, em sua síntese, afirma um sujeito universal, uma verdade reconciliada, um direito ordenador das particularidades.

Uma das características do discurso histórico-político é que ele não ocupa a posição do sujeito totalizador, neutro, representado tanto pelo filósofo, quanto pelo jurista. Ao contrário, o que ele afirma é a batalha, a luta por seus direitos singulares – direitos arraigados na história e descentralizados em relação à universalidade jurídica. É um “discurso de perspectiva”, relacionado à determinada posição no combate.

Neste texto, portanto, os jovens da Fundação Casa Grande são compreendidos como sujeitos de seus próprios discursos e agentes de transformação político-cultural em sua luta contra-hegemônica. Jovens perpassados por deveres minoritários em busca de se singularizar diante das estratificações dominantes; de escapar da serialização do capital.

Para compreender esses “saberes menores”, a análise utilizará o material disponibilizado pelo sítio da Fundação (www.fundacaocasagrande.org.br) como suporte privilegiado de reflexão. Ou

seja, os textos de apresentação da instituição e de seus projetos. Além desse *corpus* empírico, também se dialogará com os trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas feitas sobre esta experiência de política cultural da juventude.

Uma Casa Grande sem senzala: o processo constituinte da Fundação

Os momentos iniciais da Fundação Casa Grande estão ancorados nos desejos promovidos pela memória e pela criação. Um jovem casal de músicos, Alemberg Quindis³ e Rosiane Limaverde⁴, nascidos na região, ao longo de suas trajetórias pelo Cariri em busca de elementos para suas composições, vai amalhando lendas e mitos locais em conversas com os mais velhos. O reconhecido gosto por antigas narrativas faz com que várias pessoas passem a lhes apresentar, além de depoimentos, objetos históricos e arqueológicos.

Com todo esse material, Quindins reforma uma centenária casa, então em ruínas, localizada no município de Nova Olinda. O casarão, que tinha sido de seu avô, agrega às camadas de memória familiar as histórias coletivas de pertencimento à região do Cariri. Assim, em 1992, foram inaugurados o Memorial do Homem Kariri e a Fundação Casa Grande⁵.

Em seu estatuto, disponível no site da Fundação, a instituição se define como “apolítica” com objetivo de servir à sociedade e ao seu desenvolvimento. Faz parte também de suas funções: “Pesquisar, preservar, coletar, juntar em acervo, comunicar, exibir e publicar para fins científicos, de estudo e recreação, a cultura material e imaterial do homem Kariri e de seu ambiente”, bem como “estabelecer registro e cadastramento do patrimônio cultural

³ Músico, historiador e educador autodidata. Atua como consultor do UNICEF, palestrante e conferencista.

⁴ Rosiane Limaverde é graduada em História pela URCA e Mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela UFPE. Realiza atividades de consultoria e cursos nas áreas de licenciamento arqueológico ambiental; preservação do patrimônio, elaboração de projetos e gestão cultural e é responsável pela área de projetos da Fundação Casa Grande.

⁵ Segundo o sítio na internet, só no ano de 2006 passaram pela Fundação Casa Grande mais de 28 mil pessoas, entre turistas, alunos e pesquisadores.

da região do homem kariri, com fins de cuidar do acervo arqueológico e ecológico” e “servir de instrumento de evolução para as artes e a cultura do homem kariri”⁶.

Como se observa, a memória é um dos pontos fortes da instituição e um dos programas desenvolvidos nos seus “laboratórios de produção”, que objetiva resgatar “o acervo mitológico e arqueológico da pré-história do homem da região do cariri, catalogando-os e expondo-os para formação antropológica”⁷.

O acervo do Memorial do Homem Kariri é composto por peças arqueológicas (material lítico e cerâmico e registros rupestres) da Chapada do Araripe e representações das mitologias da região por meio de artefatos variados, fotografias e desenhos feitos pelas crianças e jovens que habitam a cidade.

Estes mesmos garotos e garotas passam por um processo de formação de “receptionistas mirins”, com aulas de arqueologia, conservação patrimonial, mitologia e museologia. São eles que recebem e acompanham os visitantes que vêm conhecer o Memorial e o projeto da Casa Grande.

Outro programa presente desde o início das atividades da Fundação é o de artes, pelo próprio envolvimento que Alemberg e Rosiane têm com a música. Nesse campo são desenvolvidas ações nas áreas de formação, produção, circulação e fruição em várias linguagens artísticas: audiovisual, artes cênicas, artes visuais, literatura e música.

Entre as atividades musicais desenvolvidas destaca-se a banda de lata *Os Cabinha*, que trabalha com a criatividade infantil de produzir sons por meios de “restos” da sociedade de consumo: latas, garrafas, vidros, madeiras etc. Outro resultado do laboratório musical é a banda *Os Meninos da Casa Grande* que possui um espetáculo denominado “Trilhas U Som”, com músicas feitas para os vídeos e programas de rádio da Fundação e com o resultado das pesquisas sobre o universo sonoro da região do Cariri.

Mais centrado no material recolhido em suas pesquisas etnográficas, Alemberg e Rosiane, junto com os garotos e garotas da

⁶ Disponível em <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 20.02.2008.

⁷ Disponível em <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 20.02.2008.

Fundação, montaram o espetáculo “A Lenda” no qual apresentam o universo mítico e sono do povo Kariri por meios de instrumentos artesanais e acústicos desenvolvidos pelos próprios músicos.

Como espaço privilegiado para suas atividades artísticas, a instituição conta com o teatro Violeta Arraes voltado para exibição semanal de espetáculos abertos ao público e programas de formação de plateia, gestores e técnicos culturais (direção de espetáculos, sonoplastia, iluminação, cenário e *holdie*). Como apoio às atividades artísticas, a Fundação tem gibiteca, dvdtecas e discoteca (utilizada para os programas da FM Casa Grande).

Outro programa de atividades desenvolvido pela Fundação Casa Grande é o de comunicação. O início do projeto remonta à rádio comunitária que o pai de Alemberg tinha criado nos anos 1960 e que se denominava sugestivamente “A voz da liberdade”. Na realidade, a rádio era uma amplificadora que ecoava sua “voz liberta” em Nova Olinda por meio de quatro alto-falantes.

O programa de comunicação responde à necessidade da instituição em se comunicar “com a comunidade e o mundo” e envolve a Casa Grande FM, a TV Casa Grande, a editora e o laboratório de informática⁸.

Seu objetivo é produzir material educativo e formar o público, daí o programa se organizar no molde de uma escola de comunicação. Importa destacar a inserção deste programa na rede de crianças comunicadoras de Língua Portuguesa, em parceria com o UNICEF e que reúne Brasil, Angola e Moçambique⁹.

A 104.9 Casa Grande FM é uma rádio comunitária com programação diária e diversificada, para além dos ritmos que poderiam ser qualificados de regionais, como o forró por exemplo, incluindo música erudita, rock, jazz etc. A grade da programação é inteiramente produzida pelas crianças e jovens da Fundação que recebem, para desenvolver essas atividades, formação em programação, sonoplastia, locução, conservação de acervo e gerência.

⁸ Disponível em <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 20.02.2008.

⁹ A Fundação desenvolve ainda um programa de turismo que envolve os pais das crianças e jovens que fazem parte da instituição, inclusive com a criação de uma cooperativa onde os cooperados vendem produtos artesanais da região e desenvolvem um sistema de hospedagem nas suas próprias residências.

Na oficina de rádio promovida, além de conhecer a sua história e função, os alunos e alunas passam a compreendê-la como “instrumento de construção da cidadania e socialização”¹⁰.

A ideia de introduzir a produção de audiovisual na Casa Grande foi de Samuel quando uma produtora de TV visitou a Fundação para realizar um documentário. O garoto, então com 10 anos, manuseou a câmera da equipe, filmou qualquer coisa e se apaixonou. A partir do entusiasmo do menino, Alemberg decidiu comprar os equipamentos de gravação e edição.

Daí surgiu a TV Casa Grande que foi estruturada para funcionar como um canal aberto comunitário. No entanto, após ir ao ar três vezes em caráter experimental, foi lacrada pela Anatel. Atualmente, funciona como estúdio de produção audiovisual (ficção e documentário) para os integrantes da Casa Grande. Seus produtos são exibidos no teatro Violeta Arraes, nas TVs eventualmente interessadas nesse tipo de produção ou em espaços de exibição alternativos.

Vale destacar o programa semanal 100 Canal feito pelas crianças e jovens que, como na FM, recebem formação nas áreas de gestão, produção, iluminação, câmera e edição e que é exibido antes das sessões de cinema e espetáculos no teatro da Fundação. O objetivo, como explica Alemberg Quindins, não é formar mão-de-obra para a produção audiovisual, mas possibilitar “que o dono da padaria tenha uma visão de mundo própria e capacidade crítica” (QUINDINS *apud* MARCONDES, 2006).

O programa 100 Canal já tem cerca de 150 edições totalizando um volume de 600 minutos que abordam, principalmente, o cotidiano da região do Cariri e da vida de seus moradores. Desse material sairão as reportagens a serem exibidas pela TV Futura, a partir de um convênio entre as duas entidades, por meio do qual a Fundação Casa Grande passa a fornecer mensalmente quatro matérias para serem transmitidas para todo o país.

Por fim, a Casa Grande Editora que é pensada como um “laboratório de capacitação” nas áreas de arte sequencial (quadrinhos), desenho gráfico, jornalismo e propaganda/publicidade. Sua princi-

¹⁰ Disponível em <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 20.02.2008.

pal produção, segundo avaliam os coordenadores da instituição, é a série em quadrinhos que narra temas da mitologia e da história do povo Kariri e cujos personagens são criados e inspirados nas crianças e adolescentes da Casa Grande.

Como se observa, a Fundação atua de forma sistemática na formação e capacitação – proposição claramente expressa em seu sítio na internet. Ali, se compreende que a educação é entendida como “fator de desenvolvimento local” e que as oficinas (de quadrinhos, de rádio, de recuperação de fachadas, de música, de gestão cultural etc.) visam o “protagonismo para crianças e jovens, com o objetivo de capacitar, potencializar e desenvolver habilidades capazes de resgatar a afetividade”¹¹.

Esse protagonismo se revela na apropriação da Fundação por parte dos meninos e das meninas que passam a criar música, quadrinhos, programas musicais, vídeos, peças teatrais nos espaços da Casa Grande. Na definição de uma das professoras do projeto de comunicação, Socorro Acioli, o grande diferencial da Fundação é que lá “quem manda são eles!” (ACIOLI, 2002, p.21).

E o que é mesmo esta tal de Casa Grande?

Para Socorro Acioli, que além de professora dos meninos e meninas de lá, fez um trabalho acadêmico sobre a Casa Grande, não é possível identificar a organização da Fundação como resultado de movimento social ou popular, pois não foi uma reivindicação do “povo de Nova Olinda”, mas “uma iniciativa de um grupo de dois diretores, alguns colaboradores e professores voluntários e setenta crianças” da região (ACIOLI, 2002, p.27).

Como organização não-governamental, não seria produtivo circunscrever a experiência da Casa Grande dentro dos parâmetros tradicionais dos movimentos, sejam sociais, sejam populares. Ela faz parte deste formato de organização da sociedade civil que vem crescendo desde os anos 1990: o de instituição do terceiro setor.

Não é o caso de explorar aqui essa questão, até porque Acioli também não segue esse rumo. Para ela, é preferível discutir a ex-

¹¹ Disponível em <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 20 fev. 2008.

periência da Fundação a partir do conceito de educomunicação. Seguindo a definição desenvolvida no Núcleo de Educação e Comunicação da ECA-USP, Acioli entende por educomunicação “toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver *ecossistemas comunicativos*” (ACIOLI, 2002, p.32 – grifo no original).

Tal ecossistema comunicativo possui quatro postulados, todos eles presentes na Casa Grande, segundo avalia Acioli. O primeiro postulado é o da “educação para a comunicação”, que resulta em possibilitar aos educandos a capacidade de análise crítica dos meios e mensagens. Este seria o ponto mais forte da Fundação, uma vez que ocupa a preocupação central do programa de comunicação, seus laboratórios e suas mídias (FM, TV e editora).

O segundo postulado é o do uso das tecnologias como mediadoras do processo educativo que, até por decorrência da existência do primeiro, é facilmente constatável na Fundação. O terceiro postulado diz respeito à gestão autônoma do processo em busca de criação de um ecossistema educomunicativo.

Para Acioli, este é um dos pontos que “mais surpreende” quem visita a Casa Grande por conta da participação dos meninos e meninas no processo. Os diretores, Alemberg e Rosiane, visitam o espaço semanalmente, mas o coordenador da Fundação é escolhido entre os garotos e garotas e por eles e elas. Além deste, existem ainda os gerentes da biblioteca, do museu, da editora, da TV e da escolinha.

Assim, nas palavras de Acioli (2002, p.50), “a escolha de quem faz o quê dentro da Fundação é feita aos poucos, de acordo com a habilidade de cada um”. E conclui: “há gestão no processo de educação e comunicação da Casa Grande. Essa gestão é baseada na autonomia dos meninos, cada um em sua função e na orientação semanal dos diretores”.

Por fim, o quarto postulado é a reflexão teórica, epistemológica – o que acontece na medida em que uma professora do projeto (a própria Acioli) faz um trabalho acadêmico sobre a Fundação. A autora chega à conclusão de que “a Fundação Casa Grande realiza um trabalho de educomunicação” (ACIOLI, 2002, p.51 – grifo no original).

Sem negar ou descartar a análise e a conclusão de Acioli acerca da experiência em curso na Fundação, creio que, se o conceito de educomunicação serve para aglutinar diversas iniciativas que vêm surgindo na América Latina desde os anos 1980 no âmbito da educação para as mídias, é preciso ir um pouco mais além e procurar qualificá-las. O que requer o uso de outros conceitos. Nesse sentido, proponho pensar as práticas que dão suporte à política de comunicação e de cultura da Casa Grande como políticas de amizade.

E o que significa falar em políticas de amizade? Seguindo as indicações de Francisco Ortega (2000), podemos dizer que se trata da experimentação de novas formas de sociabilidade que retraçam e reinventam o político diante da despolitização e do esvaziamento do espaço público.

Ortega, ao discutir o pensamento de Hannah Arendt, coloca que, ao contrário da esfera pública habermasiana, que tende para a unificação, para a identidade, a ideia de espaço público, na ótica de Arendt, privilegia as diferenças, a pluralidade. E não estando ligado ao Estado, o espaço público não privilegia determinados locais de ação política, pois são múltiplas as possibilidades nas quais se pode criar algo novo, experimentar novos espaços. Daí a autora privilegiar a amizade em relação à fraternidade, pois esta seria uma forma de comunidade baseada na identidade (“somos todos iguais”), enquanto a primeira está voltada para o público, é um fenômeno político.

Em outra obra, Ortega (1999) retoma os escritos de Michael Foucault, em especial a última parte de sua produção, para discutir como a subjetividade se constitui por meio das técnicas de si que, ao contrário do que aparenta, pressupõe o coletivo, o contato intersubjetivo, a presença do outro. A subjetividade é uma construção coletiva e que se dá por meio da amizade.

A subjetividade assim entendida é uma postura política, uma forma de resistência diante do poder moderno. Foucault (1999) traçou a genealogia do poder disciplinar sobre os corpos individuais e do biopoder sobre as multidões. Sociedade disciplinar e sociedade de controle. Pois em trabalhos como *A hermenêutica do sujeito* e os dois últimos volumes da *História da sexualidade*, por

exemplo, o pensador francês retoma a ideia de sujeito, um sujeito produzido coletivamente pelas técnicas de governo e, por outro lado, um sujeito que resiste a partir das técnicas de si.

Para Foucault, nos dias de hoje, construir uma ética do eu é uma tarefa fundamental, “se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p.306). Não se trata do sujeito moderno, cartesiano, essencialista, substancialista, universal, o sujeito da verdade, do conhece-te a ti mesmo (*gnôthi seautón*), mas de um sujeito ético, construído por meio das técnicas de si, do cuidado de si (*epiméleia heautoû*).

Para retomar a discussão feita acima sobre minorias, é pensar o sujeito que, por meio do cuidado de si, se posiciona como um saber menor, local, que se posiciona contrário às instâncias totalizadoras; um sujeito e um saber minoritários.

As técnicas e o cuidado de si não significam o individualismo egoísta neoliberal próprio de uma cultura narcisista – o que não quer dizer que o risco de se tornar isto não exista. Como alerta Jurandir Freire Costa, a noção foucaultiana de amizade e de prazer pode efetivamente ser uma linha de fuga à “burocratização de nossos espíritos”, mas também pode funcionar “como material reciclável pela cultura publicitária dos corpos e das sensações” (COSTA, 1999, p.19). O importante, então, é apostar na proposta de Foucault que é a de “uma genealogia da amizade como subjetivação coletiva e forma de vida, isto é, a criação de um espaço intermediário capaz de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos” (ORTEGA, 1999, p.24).

Outro conceito importante que surge nas últimas obras de Foucault é o de experiência. Por meio da experiência é que o sujeito se transforma. O homem é um “animal de experiência”, afirmou, pois nunca parou de construir a si mesmo, de se constituir em séries infinitas e múltiplas de subjetividades, que não possuem um final, nem afirmam o que seja o “homem”.

Pensando neste sujeito processual, histórico, ontológico, imanente, ético definido por Foucault podemos ver o sujeito das políticas de amizade. No desenvolvimento da *parrhesía*, que, explica Foucault (2004), é uma nova ética da relação com o outro.

Entender os agrupamentos juvenis por meios de suas políticas de amizade (no nosso caso específico, os garotos e garotas da Casa Grande) nos possibilita, também, escapar dos tipos usualmente negativos com os quais os jovens são enquadrados, ou seja, gangues, galeras, guetos, expressões de subculturas e de desvios sociais, ou tipos onde são fundamentais o elemento identitário como a noção de tribo.

Reguillo apresenta a seguinte tipologia destes agrupamentos: 1. Grupo - conjunto de jovens sem organicidade e reunidos por conta de circunstâncias espaço-temporais; 2. Coletivo – jovens reunidos com alguma organicidade a partir de um projeto comum, possuindo ou não delimitação identitária; 3. Movimento juvenil – reunião de jovens no espaço público mobilizados por conflitos ou disputas sociais; 4. Identidades juvenis – reunião em torno de delimitações identitárias (punk, skinhead, metaleiro, torcida organizada).

Alem destes tipos, a autora propõe três “conceitos ordenados” dos agrupamentos a partir do tipo de olhar do pesquisador: 1. Agregação juvenil – permite dar conta dos agrupamentos dos jovens; 2. Adesões identitárias – privilegia os processos socioculturais por meio dos quais os jovens aderem a determinadas identidades e o que isto acarreta, ou seja, o consumo de determinados bens simbólicos; 3. Culturas juvenis – referem-se às várias expressões e práticas juvenis.

A partir destes elementos, podemos dizer que tratar da Fundação Casa Grande, a partir da lógica das políticas de amizade, é entendê-la como um coletivo por conta de um projeto comum a todos sem que disso resulte necessariamente uma construção de identidades, pois funciona dentro de uma perspectiva que valoriza o sentido gregário e não o identitário.

É também um espaço de criação cultural, entendendo esse processo criativo não como modismo ou estilo, nem como expressão meramente estética, de valorização do Belo, mas, seguindo Martha Marin e Germán Muñoz, como prática que “leva a potencialidade criativa a domínios como a existência, a vida de qualquer um” (MARIN; MUÑOZ, 2002, p.48 – tradução nossa).

A Casa Grande é um coletivo de meninos e meninas que diariamente se reúnem para fazê-la funcionar. Ali criam, produzem, esta-

belecem processos de subjetivação negociados nas relações pessoais ou com o mundo, relações mediadas pela rádio, pela Internet, pela TV, pelo teatro, pelas apresentações musicais, pelos quadrinhos.

Há, certamente, elementos identitários como, por exemplo, a referência ao universo Kariri, mas eles não conseguem se impor e delimitar as experiências de si e do outro destas crianças e jovens. O local, o território tem uma marca forte, mas não de forma territorializada, mas reterritorializada, pois não se impõe como endógeno, implementando relações xenófobas. Nova Olinda é o mundo todo e é única ao mesmo tempo. Ou, nas palavras de Alemberg, “a Casa pensa Nova Olinda dentro do mundo” (QUINDINS *apud* MARCONDES, 2006).

Fábio Azevedo, que também fez uma pesquisa acadêmica sobre a Fundação Casa Grande, relata que sua experiência primeira de seis dias naquele espaço foi de que ali “se desenvolveria um agenciamento coletivo que estaria construindo um modo próprio de subjetivação, e que seria razão suficiente para uma resistência cultural às interferências globais” (AZEVEDO, 2005, p.38).

A hipótese inicial era de que esse “território existencial criativo, com universos de referência próprios” fosse o da FM, mas depois Azevedo percebeu que esse processo se dava por toda a Casa.

Esse agenciamento coletivo, produtor de subjetividades, chamado Casa Grande, carrega conflitos, traços autoritários, poderes desiguais, como revelam as observações de Azevedo. Mas isto reforça a inserção do projeto nas relações sociais, não como algo domesticado, neutralizado, mas como problema, inquietude. Os garotos e garotas da Fundação são sujeitos e não assujeitados, mesmo com, ou justamente por causa das contradições, dubiedades, desacertos, diferenças.

Em depoimento a Fábio Azevedo, Alemberg Quindins compara sua meninice com a que observa naqueles frequentadores da Casa Grande:

Eu acredito no potencial da infância, e o menino já diz *eu faço*, eu faço. Um menino, como tem aqui, de 12 anos de idade - porque com 12 anos de idade eu passava despercebido pelos adultos, passava despercebido [...] Não tinha voz nem vez na comunidade. Nenhum ato meu influenciou a comunidade, influenciou só um grupo de crianças. Mas o ato de uma criança

aqui influencia a comunidade porque ele existe dentro da comunidade, ele existe (QUINDINS *apud* AZEVEDO, 2005, p.50).

Então são esses os meninos e meninas que estão por ali, os que fazem, os que são percebidos, os que influenciam a comunidade, os que têm voz. Nas palavras de Fábio Azevedo, “ali, as crianças se envolvem porque querem (...) Ali, a convivência é o fundamento do aprendizado, logo, o sentimento coletivo sobressai às individualidades. Ali, a cultura parece sobreviver à desintegração” (AZEVEDO, 2005, p.51).

No entanto, segundo avalia, a partir de sua pesquisa de campo, participante, as “táticas e estratégias de interação” da Casa Grande com o seu entorno se formalizaram ou, mesmo, deixaram de existir, o que estaria levando a um “momento de sedentarização de uma forma para ganhar uma autonomização do que foi criado” (AZEVEDO, 2005, p.104 – grifo no original). É como se o processo constituinte da Fundação já estivesse se constituído, se estabilizado, se modelizado, em prol da durabilidade, da permanência, da duração.

Mas é preciso distinguir a Fundação Casa Grande, como uma instituição do terceiro setor, com regimento, estatuto, patrimônio material, compromissos financeiros, aos quais a diretoria tem que responder, das relações múltiplas, desviantes, nômades, enfim, das políticas de amizade exercidas cotidianamente naquele local. Estas não se deixam modelar, mesmo com todas as normas e disciplinas. Há sempre renovadas linhas de fuga, para além da “ordem e progresso” que Alemberg defende existir em toda instituição.

Pois como diz Miguel, um dos garotos da Casa Grande, em depoimento a Fábio Azevedo, ali,

quando num tem nada... sempre tem alguma coisa pra fazer. Assim, quando não tem nada pra fazer aí o pessoal ainda tá fazendo, porque tá conversando com o outro aí, e aprendendo, sempre brincando... Assim, porque a Casa Grande assim é uma brincadeira, mas assim séria, porque a pessoa brinca, mas tá aprendendo, brinca e tá ganhando conhecimento. É uma brincadeira bem interessante assim, uma brincadeira assim que eu mesmo gosto de tá aqui na Casa Grande, eu mesmo gosto de tá participando dessa brincadeira assim, brincar de fazer TV, brincar de fazer rádio, brincar de fazer música (MIGUEL *apud* AZEVEDO, 2005, p.104).

Referências

ACIOLI, Socorro. **Fundação Casa Grande: comunicação para a educação.** Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará (Monografia de Graduação). Fortaleza, 2002.

AZEVEDO, Fábio. **Tecnologias de transmissão cultural: a experiência da “escola” de comunicação Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri.** Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (Dissertação de Mestrado). Salvador, 2005.

BARBALHO, Alexandre. No ar da diferença: Mídia e cultura nas mãos da juventude. **Comunicação & Informação.** Goiânia: UFG, v. 9, p.08-15, 2006.

_____. A juventude e suas imagens no ar. Política cultural, biopolítica e trabalho imaterial na produção imagética. In: COLÓQUIO BRASIL - MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1, 2007a, Villahermosa. **Anais...**

_____. A criação está NoAr: juventude, mídia e cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, Santos, 2007b. **Anais...**

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. In: ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999. p.11-20

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCONDES, João Luiz (10 nov. 2006), O sertão vai virar luz. **A rede** [Online]. Disponível em: <www.aredes.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=762&Itemid=99>

MARIN, Martha; MUÑOZ, Germán. **Secretos de mutantes: música y creación en las culturas juveniles.** Bogotá: Siglo del Hombre, 2002.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desancanto.** Bogotá: Norma, 2006.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, A; PAIVA, R. (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005. p.11-14.